



## HIPÓTESES SOBRE A ORIGEM DO PATRIARCADO MODERNO E ATALHOS PARA A SUA DESCONSTRUÇÃO

### *HYPOTHESES ABOUT THE ORIGIN OF MODERN PATRIARCHY AND SHORTCUTS TO ITS DECONSTRUCTION*

*LIMA, Adenaide Amorim<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas hipóteses sobre a desconstrução do patriarcado moderno. É preciso compreender as bases do seu aparecimento e fortalecimento ao ponto de tornar-se um modelo hegemônico na maior parte das organizações sociais da modernidade. Apresentaremos duas perspectivas teóricas distintas, cada uma com suas hipóteses para a origem do patriarcado e suas alternativas para que nossa sociedade seja mais igualitária e menos opressiva para as mulheres. As abordagens privilegiadas neste texto são: a biologia evolutiva de Barbara Boardman Smuts e a perspectiva transcultural de Eleanor Burke Leacock. A exposição destas duas vertentes visa colaborar com a compreensão da origem histórica do patriarcado e sua difícil desconstrução. O patriarcado teve origem com a sociedade e é fruto da violência. Importa saber em que momento da nossa história evolutiva esses mecanismos se tornaram instrumento de dominação e subjugação em massa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biologia Evolutiva. Abordagem Transcultural. Patriarcado. Desconstrução.

#### **ABSTRACT**

This article aims to present some hypotheses about the deconstruction of modern patriarchy. It is necessary to understand the bases of its emergence and strengthening to the point of becoming a hegemonic model in most social organizations of modernity. We will present two distinct theoretical perspectives, each with its hypotheses for the origin of patriarchy and its alternatives for our society to be more egalitarian and less oppressive for women. The privileged approaches in this text are: the evolutionary biology of Barbara Boardman Smuts and the transcultural perspective of Eleanor Burke Leacock. The exposition of these two aspects aims to collaborate with the understanding of the historical origin of patriarchy and its difficult deconstruction. Patriarchy originated with society and is the result of violence. It is important to know at what moment in our evolutionary history these mechanisms became an instrument of mass domination and subjugation.

**KEY WORDS:** Evolutionary Biology. Cross-Cultural Approach. Patriarchy. Deconstruction.

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciada em Pedagogia, Filosofia e mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0597-6275>. E-mail: [adenaideamorim@gmail.com](mailto:adenaideamorim@gmail.com).



## Introdução

Este artigo apresenta duas perspectivas sobre a origem do patriarcado e as hipóteses de como ele tornou-se um modelo hegemônico na maior parte das organizações sociais da modernidade. As abordagens privilegiadas neste texto são: a biologia evolutiva com Barbara Boardman Smuts e a perspectiva transcultural de Eleanor Burke Leacock. O objetivo é apresentar um fio condutor capaz de orientar a nossa inquietação sobre a origem e a hegemonia do patriarcado moderno e de como ele moldou a estrutura social vigente ao ponto de tornar tão difícil a sua desconstrução na atualidade.

A nossa hipótese inicial é bastante óbvia e a de que o patriarcado moderno é fruto da violência (física, simbólica, patrimonial, ideológica etc.), mas precisamos saber em que momento da nossa história evolutiva esses mecanismos se tornaram possíveis como técnica hegemônica de dominação masculina. Precisamos saber se estes dispositivos, enquanto armas de dominação em massa, teve origem com os nossos ancestrais pré-hominídeos, transmitidos por genes, via comportamento de seleção sexual ou se é uma invenção recente na história humana, fruto de complexos e tortuosos processos de adaptação e de dominação.

O conhecimento dos elementos que fundaram o patriarcado moderno deve

corroborar para a sua supressão. Afina, quanto mais compreendermos e democratizarmos o conhecimento sobre as bases do patriarcado, mais elementos nós teremos para contrapô-lo e desconstruí-lo, por mais difícil que isso pareça ser. A nossa exposição está assim dividida: inicialmente apresentaremos as hipóteses a partir das duas correntes mencionadas acima; em seguida, apresentaremos algumas conclusões sobre as implicações destas vertentes.

## Patriarcado e a evolução humana

Não há como falar da teoria evolutiva sem mencionar Charles Robert Darwin (1809-1882). Apesar de teorias sobre evolução, adaptação, hibridação de espécies e outras questões encontradas na obra de Darwin já terem sido discutidas por outros estudiosos que precederam Darwin, (Cf. FREITAS, 1998) é em sua obra *A origem das espécies* que encontramos o rigor argumentativo e os exemplos claros. Por esta razão a obra de Darwin foi bastante inovadora e ao mesmo tempo muito polêmica por contrapor a visão dos naturalistas essencialistas e à visão criacionista judaico-cristã que predominava em sua época.

No meio científico do século XIX, as obras de Darwin foram recebidas com muito entusiasmo e não demorou muito para que as suas teorias servissem de base para muitos estudos em diferentes áreas de conhecimento,



na maioria das vezes sem o devido senso crítico. Quando Darwin publicou *A origem do homem* ele já era uma grande referência, e por muito tempo a teoria darwiniana justificou e naturalizou preconceitos de gênero por conter nessa mesma obra muitos destes preconceitos (COHEN, 2010). As antropólogas Mascia-Lees e Black (2017), também mostram como a teoria de Darwin saltou da biologia e serviu como parâmetro para pensar a organização social tal como ela estava estruturada, de modo a justificar e naturalizar preconceitos de gênero, classe social advinda da exploração capitalista e de raça que predominaram dos séculos XIX e XX, cujos reflexos ainda podemos ver refletidos no século XXI.

Os evolucionistas sociais são bons exemplos de como as teorias darwinianas foram usadas para fundamentar e legitimar muitas das desigualdades sociais, principalmente a de gênero. A sociedade europeia do século XIX acreditava ser muito civilizada e progressista e se colocava como modelo para o restante do mundo. O próprio Darwin acreditava que o patriarcado de sua época e tudo que ele representava em termos de comportamento predatório masculino e de submissão feminina, seria o resultado desencadeado pelo processo evolutivo (COHEN, 2010). A sociobiologia divulgou e ajudou a fortalecer ainda mais a desigualdade de gênero, de normas culturais sexistas, e as

travestiu de determinismo ou evolução biológica (MASCIA-LEES; BLACK, 2017).

[...] Spencer elogiou a exclusão das mulheres da esfera pública da economia e da política. Ele sustentava que a exclusão das mulheres era a consequência natural de um longo processo evolutivo que selecionou aquelas mulheres dedicadas aos seus deveres no lar. A incapacidade das mulheres das classes trabalhadoras ou pobres de alcançar essa posição foi tomada como evidência de sua inerente inferioridade (MASCIA-LEES; BLACK, 2017, p. 25).

Podemos perceber que o argumento de Herbert Spencer sobre a menoridade intelectual das mulheres e muitas outras questões preconceituosas, já estava presente na teoria darwiniana. Conforme aponta Cohen (2010), após comentar uma citação de Darwin, quando este, ao falar sobre o dimorfismo sexual da espécie humana, alega que as características da mulher a colocaria como um ser entre um homem e uma criança, a autora diz que:

Darwin refere-se aqui principalmente ao conhecimento comum [...] e ao código moral de uma sociedade em que a mulher é de facto considerada não como um adulto responsável, mas como um intermediário entre o Homem e uma Criança, um ser constantemente dependente que necessita da guarda de um pai ou marido. Da mesma forma, a “conformação do crânio”, que segundo a antropologia física da época é uma medida da inteligência, também faz da mulher um “intermediário” entre o Homem e a Criança (COHEN, 2010, p. 162).



Mesmo havendo muitas pensadoras feministas reivindicando um lugar social para a mulher, que não aquele da vida doméstica, Darwin, juntamente com a mentalidade sexista de sua época, as ignorou completamente, conforme revelam as cartas trocadas entre ele e Caroline Kennard (Cf. SANTOS, 2021).

Mas, apesar das muitas críticas que Darwin recebeu, principalmente das autoras feministas, por seus equívocos, isso não significou que suas teorias foram negligenciadas totalmente por elas, pelo contrário. Ao investigar as origens do patriarcado, na perspectiva da biologia evolucionária, Barbara Boardman Smuts recorre à teoria darwiniana para fundamentar muitas das suas investigações. Supreendentemente, Eleanor Burke Leacock, ao criticar a sociobiologia, principalmente na pessoa de Edward Osborne Wilson, diz que a sociobiologia tem sido muito criticada por ser excessivamente darwiniana, porém ela afirma o contrário, que a sociobiologia não tem sido darwiniana o suficiente. Para Eleanor:

Do ponto de vista antropológico, a seleção natural não apenas produz novas formas, e/ou novos comportamentos sociais redutíveis aos mesmos parâmetros da análise quantitativa, mas produz também novas relações, de modo que os processos de comportamentos individuais e de grupo em diferentes linhas filogenéticas podem ser qualitativamente distintos (LEACOCK,

2019, p. 326).

Mas, Leacock (2019) é cautelosa com as teorias darwiniana. Para ela, suposições de que a agressão inata e a competição entre os homens são determinantes elementares nas formas sociais humanas é um “ponto vista da ciência-pop”, em sua concepção, a sobrevivência do mais apto não quer dizer competição ou agressão entre os animais: “[...] ‘mais apto’ significa o melhor adaptado a uma miríade de circunstâncias, a maioria das quais exige pouca ou nenhuma luta efetiva” (p. 232).

Perguntamos se a origem do patriarcado poderia ser explicada através da teoria da evolução e a resposta nesse momento parece ambígua. A seguir, apresentaremos as duas propostas sobre a origem do patriarcado, baseando-se em muitas referências teóricas em comum, conforme veremos, as duas propostas seguem caminhos bastante distintos.

### **Hipóteses da biologia evolucionária sobre a origem do patriarcado**

Em seu texto, *The evolutionary origins of patriarchy*, Smuts (1995) explica que a seleção natural favorece características e comportamentos que promovem o sucesso reprodutivo individual, mas que a teoria evolutiva não implica o determinismo genético. Alguns genes específicos, selecionados durante a evolução, são



favorecidos por determinados ambientes que influenciam o desenvolvimento, tanto do interior quanto do exterior dos organismos. O comportamento pode ser biologicamente adaptativo, mas ambientalmente determinado, mas isso não quer dizer que esses comportamentos sejam imutáveis. Os genes que aumentam o sucesso reprodutivo individual tenderão a aumentar ao longo de muitas gerações, simplesmente porque os indivíduos que carregam esses genes possuem mais descendentes.

Barbara Smuts (1995) defende também que o foco no controle masculino da sexualidade feminina é de interesse dos biólogos evolucionários tanto quanto das antropólogas feministas. Para esta autora, em decorrência do desenvolvimento destes estudos, talvez este seja o momento importante para analisar a origem do patriarcado, investigando as diferenças de poder entre primatas não humanos machos e fêmeas. A autora defende que a origem do patriarcado estaria enraizada em um período anterior ao surgimento da agricultura, da civilização ou mesmo do capitalismo, contextos que, segundo a autora, são evocados pelas antropólogas feministas para explicar o patriarcado.

Partindo do pressuposto que o patriarcado teria bases biológicas, Barbara Smuts considera a base evolutiva dos conflitos de interesse reprodutivos entre

fêmeas e machos concentrando-se no comportamento de primatas não humanos. Ela descreve seis fatores que estariam relacionados às origens do patriarcado em nossa própria espécie. A partir da análise de diversas obras e pesquisas, Smuts (1995) conclui que o patriarcado é o resultado de estratégias reprodutivas evidenciadas em primatas machos e que entre os humanos estas estratégias passaram por uma reelaboração extraordinariamente eficaz ao ponto de se tornarem hegemônicas. Porém, como ressalta a autora, estas estratégias não são determinantes ou imutáveis.

Barbara Smuts (1995) observa que a coerção dos primatas não humanos machos em relação às fêmeas não é uma regra geral, pelo contrário. Ela afirma isso baseando-se em várias pesquisas empíricas que mostram as características comportamentais dos seguintes primatas: *macacos-rhesus*, de vida livre em Porto Rico; *babuínos hamadryas*, que vive no norte da África; nos *gorilas da montanha*; e *chimpanzés selvagens*.

Nos estudos em que é relatado algum tipo de comportamento coercitivo destes primatas em relação às fêmeas, evidencia-se também que esses comportamentos acontecem em situações específicas, como quando as fêmeas estão em estro, mas não o tempo todo, exceto nos *babuínos hamadryas* que vive no norte da África, formados por grupos com um único macho adulto, eles



controlam suas fêmeas o tempo todo levando-as para longe dos machos “solteiros”. Quando a fêmea se afasta do macho do grupo, ele a ameaça olhando-a e levantando as sobrancelhas, se isso não funcionar, o macho a ataca com uma mordida no pescoço.

As espécies de primatas, acima citadas, mesmo nos momentos em que as fêmeas são coagidas de algum modo, elas procuram maneiras para se defender ou defender suas crias dos ataques dos machos, aliando-se a outras fêmeas ou machos “amigos”. A autora observa ainda que, em várias espécies de primatas não humanos a coerção masculina em relação às fêmeas raramente, ou nunca, é observada, e as fêmeas parecem estar inteiramente livres do controle sexual masculino. Estes incluem a maioria dos primatas monogâmicos como os *macacos-titi*, os *gibões* e os *siamangs*, nos quais os machos e as fêmeas são do mesmo tamanho e, em espécies que vivem em grupos multifêmeas e multimachos, como o *macaco-aranha-lanudo* do Novo Mundo e o *chimpanzé pigmeu* ou *bonobo*. Desse modo:

A agressão masculina é restringida em espécies ligadas a fêmeas, não apenas por causa da ameaça de coalizões femininas, mas também porque as fêmeas desses grupos detêm um poder considerável de “fazer reis”. Nos macacos rhesus e os macacos vervet, por exemplo, a busca de um macho para alcançar e manter o status de alta dominância é fortemente

influenciado pelo apoio de fêmeas do alto escalão (SMUTS, 1995, p. 9).

Nesse caso, a dependência dos machos do apoio feminino os torna cautelosos em desafiar as fêmeas dominantes. Diante deste cenário, onde, entre os nossos ancestrais primatas, o patriarcado não era um comportamento dominante Smuts (1995) levanta a questão: como o patriarcado pode ter saltado dos primatas para os homínídeos ao ponto de tornar-se um padrão? Mas, a nossa questão é outra: como um comportamento que não era dominante pode ter saltado dos primatas para os homínídeos afinal, uma vez que os genes, conforme Smuts (1995) tornam-se dominantes devido ao aumento do sucesso reprodutivo, quando indivíduos que carregam esses genes possuem mais descendentes? Para responder a sua questão, Smuts (1995) elabora seis hipóteses, cujos fatores estariam relacionados com o modo como o patriarcado pode ter saltado dos primatas não humanos para os homínídeos.

*Hipótese 1* – As fêmeas tornam-se mais vulneráveis e sujeitas a coerções masculinas, na maioria das espécies de primatas investigadas, quando estavam em alguma situação de fragilidade, por exemplo, quando estavam sozinhas, sem apoio de parentes ou amigos. Smuts (1995) levanta a questão? Como grandes fêmeas de *chimpanzés*, *gorilas* e *orangotangos*, onde esse tipo de



dominação tem-se mais evidenciado, tornam-se vulneráveis à coerção dos machos? A autora atribui dois fatores: a) A dispersão do lugar onde nasceram e por essa razão elas não tem parentes por perto para protegê-las ou não formam coalizões fortes entre fêmeas e amigos protetores; b) Em contraste com a maioria dos outros primatas que viajam em grupos coesos, as símias às vezes viajam sozinhas com suas crias, o que as tornam vulneráveis.

*Hipótese 2* – No decorrer da evolução humana, as alianças entre os homens tornaram-se cada vez mais bem desenvolvidas e eficientes, inclusive para agirem contra as mulheres, aumentando assim o poder masculino sobre as mulheres. Smuts (1995) lembra que entre os primatas esse tipo de aliança é bastante raro e quando acontece é de modo bem rudimentar, mas nos *chimpanzés*, as alianças entre os machos de algum modo são mais elaboradas, os machos permanecem em suas comunidades natais e se associam entre si também contra machos de outras comunidades e nas lutas pelo poder no interior de um grupo sobre a posição alfa que pode envolver alianças internas, semelhante às manobras políticas humanas.

*Hipótese 3* – Com o advento da agricultura e da pecuária, os homens passaram a controlar e coagir as mulheres mais facilmente. O germe dessa dinâmica pode ter sido, segundo Smuts (1995), a

mudança da dieta dos nossos ancestrais de onívoros e forrageiros individuais para uma dieta que incluía mais carne e o compartilhamento da carne por parte dos machos. A dependência feminina dos homens para recursos aumentou sua vulnerabilidade por três razões: a) Quando o trabalho das mulheres concentrou-se em uma pequena área, ficou mais fácil para homens controlar as suas atividades; b) Quando os homens, preocupados em garantir sua prole, passaram a investir mais recursos em suas companheiras e seus próprios filhos; c) O fator “b” aumentou a motivação para controlar a sexualidade da fêmea quando esta passou a depender dos recursos controlados pelos machos, a resistência à sua dominação tornou-se cada vez mais raro e mais caro.

*Hipótese 4* – No processo de evolução, os arranjos sociopolíticos masculinos aumentaram a variação de riquezas e poder, perpetuando os diferenciais familiares ao longo das gerações, ou seja, as relações cada vez mais desiguais entre os próprios homens e, conseqüentemente, as mulheres tornaram-se cada vez mais vulneráveis às vontades aos caprichos dos homens mais poderosos. Tudo isso fez com que o controle das mulheres sobre a sua sexualidade fosse reduzido. A relação desses fatores com os nossos ancestrais primatas, segundo Smuts (1995), é que em qualquer espécie gregária, o macho que tenta dominar a fêmea será mais bem-



sucedido se dominar e controlar outros machos também. Esse macho dominante poderá acasalar com as fêmeas, levando-as a escolhê-lo, sem intervenção dos seus rivais, ao mesmo tempo em que reduz as chances reprodutivas deles.

*Hipótese 5* – Em decorrência da hipótese anterior, as mulheres também contribuem para a perpetuação do patriarcado quando buscam satisfazer os seus interesses materiais e reprodutivos, e com esse comportamento elas próprias acabam legitimando o controle masculino sobre a sexualidade feminina. Ao invés de aliar-se a outras fêmeas contra os machos, as fêmeas acabam competindo com outras fêmeas e aliando-se a machos. Essa preferência feminina acaba por estimular a competição entre os homens por recursos e poder, contribuindo ainda mais com a competição masculina. Desse modo, mulheres e homens se beneficiariam reprodutivamente desse processo. Essa configuração se estenderia para as gerações seguintes quando estas insistem na obediência de suas filhas e favorece os filhos e irmãos sobre irmãs, perpetuando e fortalecendo o patriarcado.

*Hipótese 6* – Com a evolução da linguagem, os machos consolidaram e aumentaram o controle sobre as fêmeas aperfeiçoando comportamentos como: alianças entre os machos; fortalecimento das relações hierárquicas entre machos; controle

dos recursos e propagação de ideologias de dominação masculina e de subordinação feminina. O uso da linguagem e da ideologia pelos homens, para manter as mulheres submissas, é uma extensão e elaboração das formas pré-linguísticas de controle. Smuts (1995) acredita que, se os chimpanzés pudessem falar, os machos provavelmente desenvolveriam mitos e rituais rudimentares que aumentassem a solidariedade e o controle político masculino, diminuindo as tendências femininas para a autonomia e a rebelião. Para a autora, embora a capacidade de uso da linguagem para dominar seja exclusiva dos homens, a motivação antecede a evolução da espécie humana em milhões de anos.

Smuts justifica que seu trabalho apresenta hipóteses de como os nossos ancestrais fizeram a jornada de um ancestral pré-hominídeo, caracterizado por formas específicas de controle masculino sobre as mulheres, para o ser humano moderno, que segundo ela: “[...] é condição na qual a maioria, senão todas, as sociedades são caracterizadas por uma dominação masculina generalizada” (SMUTS, 1995, p. 20). Embora muitas de suas hipóteses, conforme veremos adiante, sejam questionáveis à luz de outras perspectivas teóricas, reconhecemos a relevância da sua tese. Suas hipóteses, nos faz levantar a seguinte questão: se a maioria das comunidades de





primatas não humanas citadas por ela eram matricêntricas, porque a exceção tornou-se a regra geral para a origem do patriarcado? Smuts (1995) cita Darwin, para quem, no passado humano evolutivo, eram as mulheres quem dominava a seleção sexual da espécie, portanto, não seria mais lógico pensar que o patriarcado é uma invenção bem mais recente na escala humana evolutiva?

### **Darwin e o seu sentido evolucionista do patriarcado**

Partimos do pressuposto de que, a organização social que saltou para os pré-hominídeos foi a matricêntrica e não o patriarcado. Sem se ater e aprofundar o tema, o próprio Darwin forneceu-nos fundamentos deste pressuposto, ao discutir a seleção pelo comportamento sexual na evolução da espécie humana e o papel central que ocupavam as mulheres nesse processo.

De acordo com Cohen (2010), no livro *A origem das espécies*, Darwin argumenta que: “Essa Seleção Sexual é operada pelas fêmeas (às vezes pelos machos) para acasalar e reproduzir com alguns parceiros que são dotados de mais qualidades que outros, e mais ao seu gosto” (COHEN, 2010, p. 160). De acordo com próprio Darwin: “[A seleção sexual] depende da vantagem que certos indivíduos têm sobre outros do mesmo sexo e da mesma espécie, somente naquilo que concerne à reprodução” (DARWIN, 2008, p. 249).

Segundo Darwin, a escolha sexual feita pelas fêmeas acontece na maioria das espécies de animais, o que faz com que os machos sempre se adornem e entrem em competição com outros machos para conquistar as fêmeas. Ao fazer a comparação com os seres humanos, Darwin defende que existem características particulares nos seres humanos que pertencem apenas a um gênero, e que essas características podem ter sido selecionadas sexualmente de duas formas (o comportamento, som da voz, força, agressividade, capacidade de luta nos homens, beleza, gentileza e generosidade nas mulheres): a) a partir de uma luta entre dois indivíduos do mesmo sexo (geralmente machos) para eliminar seus adversários, enquanto as fêmeas permanecem passivas; b) quando as fêmeas escolhiam o parceiro mais atraente. A última forma de seleção (por mulheres) foi, de acordo com Darwin, dominante no estágio inicial da história humana.

Com respeito à forma de seleção sexual (que é mais comum em animais inferiores), ou seja, aquela segundo a qual são as fêmeas que selecionam e aceitam os machos que as excitam e mais atração exercem sobre elas, sobejas razões para crer que a mesma tenha agido originalmente sobre os nossos antepassados. O homem provavelmente deve sua barba, e talvez alguns outros personagens, à herança de um antigo progenitor que assim ganhou seus ornamentos. Mas essa forma de seleção pode ter agido ocasionalmente em tempos



posteriores; pois em tribos totalmente bárbaras as mulheres têm mais poder para escolher, rejeitar e tentar seus amantes, ou para depois mudar seus maridos, do que se poderia esperar (DARWIN, 2008, p. 688).

Ao citar algumas culturas originárias, Darwin cita vários exemplos em que as mulheres exercem fortemente autonomia na sua sexualidade. Smuts (1995), por outro lado, limitou-se a citar dois exemplos de povos originários para justificar como os humanos desenvolveram tendências sociais que os distinguem de outros primatas: os *Yanomamo*<sup>2</sup>, índios da floresta amazônica (uma sociedade de horticultura/caça) onde apresenta uma forte e violenta coerção feminina; os *pigmeus Aka* da África Central (uma sociedade forrageira dependente de horticultores vizinhos) que segundo a autora a violência entre eles é muito rara. Mas Darwin vai além, ao fornecer explicações de comportamentos sexuais, com caráter linear, de sociedades “primitivas” ou “selvagens”, até chegar ao patriarcado moderno. Em

<sup>2</sup> Ao defender a perspectiva histórica no estudo dos povos originários, Leacock (2019) diz: “Um estudo acerca de outro grupo yanomami, [...] indica que essas pessoas podem ter obtido, pela primeira vez, a reputação de ferocidade quando lutaram contra um grupo de exploradores espanhóis, em 1758 (Smole, 1976). Nesse período, os aventureiros espanhóis e portugueses percorriam toda a região amazônica em busca de escravos. O autor desse registro trabalhou com um grupo relativamente pacífico das terras altas e sugere que a exagerada ferocidade dos yanomami das terras baixas não seria típica, mas pode ter sido desenvolvida com a finalidade de autoproteção. Na aldeia por ele estudada, as mulheres mais velhas, assim como os homens mais velhos, eram altamente respeitadas” (p. 242).

relação aos comportamentos sexuais de povos originários ele pontua:

[Na América Ártica], uma mulher em uma das tribos... fugiu repetidas vezes de seu marido a fim de passar a viver com o seu amante; [...] entre os charruas da América do Sul, o divórcio é facultativo. Antes de se unirem a uma mulher, os abíponas barganham durante muito tempo com os pais dela para acertar o preço. Mas, muitas vezes acontece que a moça manda às favas tudo que foi combinado e decidido entre os pais e o esposo, recusando até a mencionar a palavra “matrimônio”. Frequentemente foge, esconde-se e assim consegue evitar o esposo. [...] Na Terra do Fogo, um jovem deve antes obter o consentimento da família prestando-lhes algum serviço e depois poderá tentar angariar as simpatias da moça; “mas se esta não quer, esconde-se na mata até o cortejador se cansa de procurá-la e desista do intento; mas isto acontece raramente”. Nas ilhas Fiji, o homem toma a mulher que deseja por esposa, com força simulada ou real; “mas se depois que entrou na casa de seu raptor ela não está satisfeita com o matrimônio, foge para junto de alguém que a possa proteger; pelo contrário, se está satisfeita, a união é considerada automaticamente definitiva”. Entre os calmuços, realiza-se uma corrida comum entre esposo e esposa; e esta última é concedida alguma vantagem; e contaram a Clarke “que nunca se verifica o caso de uma moça ser alcançada por ser cortejador, se ela não o deseja”. [...] [Semelhante corrida foi observada] entre as tribos do arquipélago malaio [...]. Um costume análogo, com análogo resultado, é tido em grande conceito entre os koraks da Ásia norte-oriental (DARWIN, 2008, p. 688-89).

Para Cohen (2010), todos esses exemplos, que Darwin não se deu conta, demonstram que o patriarcado é uma “invenção” recente na história da “evolução” humana. Ela ressalta que as mulheres não são



tão inclinadas ao casamento, como muitas vezes se supõe. Nas sociedades citadas por Darwin, as mulheres podiam escolher o homem de sua preferência e rejeitar aqueles de quem não gostam, antes ou depois do casamento. As mulheres gozavam de liberdade sexual, ou quando eram coagidas elas se defendiam de algum modo, e ao que tudo indica, não eram punidas por isso.

Com o processo evolutivo, segundo Darwin, os homens mais vigorosos, fortes e poderosos passaram a escolher as mulheres mais atraentes e ao seu gosto, segundo ele isso explicaria porque agora as mulheres são bem mais enfeitadas do que os homens, com o objetivo de atrair um parceiro sexual via casamento. Darwin também acreditava ser a aristocracia uma linhagem que caminhava para ser mais bela e superior dentre os humanos.

### **Hipóteses da corrente transcultural sobre a origem do patriarcado**

Eleanor Leacock (2019), em seu livro *Mitos da dominação masculina: uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural* fornece-nos um rico estudo sobre os povos originários no qual, contrariando a visão sexista dos primeiros antropólogos, nos faz compreender que a hipótese de um patriarcado que saltou dos primatas para os primeiros hominídeos e que, entre os humanos, a organização social patriarcal foi virtualmente hegemônica, como

defendeu também Smuts (1995), não se sustenta. Leacock (2019) utilizou em sua substancial pesquisa muitas das referências teóricas usadas por Smuts (1995), (Charles Darwin; Claude Lévi-Strauss; Lewis Henry Morgan; Mirian Goldenberg, dentre outros) o interessante é que, enquanto Smuts (1995) as aceitava passivamente, Leacock (2019) apontavam as inconsistências, as negligências, as parcialidades, os preconceitos etc. presentes nas obras destes autores que são referências para a antropologia.

Leacock (2019) defende que as sociedades originárias, pré-coloniais foram, em sua maioria, sociedades igualitárias ou matrilineares. Na grande parte do mundo pré-colonial, as mulheres gozavam de elevado grau de liberdade sexual, autonomia, relacionavam-se umas com as outras e com os homens em igualdade nos procedimentos públicos e privados, em prol da comunidade e protegendo seus direitos. Para esta autora, a monogamia, a família nuclear e a opressão das mulheres teve origem juntamente com o surgimento da sociedade de classes e a formação do Estado.

Para defender a sua tese, Leacock introduz em seus estudos algo que os primeiros antropólogos negligenciavam até então: a história. Enquanto muitos antropólogos estudavam as sociedades originárias como sociedades estáticas,



Leacock acompanhou as transformações ocorridas a partir das interferências colonizadoras e do trabalho produtivo que retirou a mulher do seu lugar de prestígio e a colocou em uma posição social de subjugação, cerceada ao espaço doméstico. Segundo a autora, mesmo que tenha algum tipo de elemento patrilinear nestas sociedades horticultoras, seria completamente diferente do patriarcado que se desenvolveu nas sociedades com estruturas de classe, propriedade privada e organização política.

A família patriarcal, na qual um indivíduo do sexo masculino pode exercer completo controle sobre uma casa com esposas, filhos, servos ou escravos, e que poderia ficar virtualmente isolada da sociedade mais ampla, não encontra paralelo no mundo pré-político (LEACOCK, 2019, p. 159).

Em relação às hipóteses de que os germes do patriarcado estariam no comportamento dos primatas não humanos, Leacock (2019) ressalta que os dados que temos até agora revelam uma grande variedade de padrões de acasalamento entre os primatas não humanos. “O fator mais importante a ser destacado é que esses dados indicam que uma mudança qualitativa, e não uma mera transição, introduziu um certo tipo de primata em um percurso cultural, quando a cooperatividade substituiu a competitividade” (p. 163, *notas de roda pé*). Em outro momento a autora enfatiza que:

Em qualquer caso, nossos parentes mais próximos não são os babuínos, mas sim os macacos. Entre os chimpanzés devidamente estudados, os machos não competem pelas fêmeas (Jolly e Plog, 1976). [...] Humanos evoluíram como caçadores-coletores, e o que sabemos sobre a sociedade forrageira atesta que, naquela sociedade, a agressão era desaprovada e evitada. Os atributos valorizados eram as habilidades – sociais, manuais, artísticas, intelectuais – e tais habilidades eram valorizadas tanto em mulheres quanto em homens (LEACOCK, 2019, p. 247-248).

Ao mencionar as pesquisas contidas na obra *The Mothers*, realizadas por Robert Briffault, Leacock (2019) ratifica que o cuidado maternal prolongado nos macacos superiores foi fundamental para estimular o sexo feminino a iniciar o processo de aperfeiçoamento da vida social, dando origem ao matrilinearidade “[...] porque as mulheres não apenas foram as procriadoras da nova vida, mas também as principais produtoras das necessidades da vida. [...] [isso aponta] para a conclusão de que as mulheres são responsáveis por conduzir nossa espécie à humanização e à socialização” (LEACOCK, 2019, p. 231).

Eleanor ressalta que as sociedades matrilineares e matrilocais constituíam quarenta e uma das oitenta e quatro sociedades apresentadas na amostra etnográfica mundial elaborada por George Peter Murdock. Dentre as sociedades que são organizadas com essa estrutura, entre povos



horticultores e igualitários da América do Norte a autora cita “[...] os *iroqueses* e os *hurões* do nordeste, os *cherokees*, os *creek* e os *choctaw* do sudeste, os *hidatsa*, os *mandan*, os *arikara*, os *pawnee* e os *wichita* das Planícies, os *hopis* e os *zuni* do sudoeste” (2019, p. 280, *grifos nossos*). Mas, em todo o seu livro, a estudiosa traz exemplos de sociedades originárias que eram ou foram, em algum momento, igualitárias como no Havaí, no continente africano (a sociedade *balonda*, do Congo), no México, Brasil, dentre outros lugares do mundo. Isso se deve aos primeiros trabalhos de campo etnohistóricos que documentaram forte autonomia, liderança social, econômica e sexual das mulheres em vários clãs, aldeias e tribos. Ou mesmo dos registros realizados por alguns padres jesuítas, mas muito se perdeu nesse violento processo.

Diversas sociedades pré-agrícolas persistiram em áreas remotas ou, de algum modo, desfavoráveis, até recentemente. Como afirmei anteriormente [...], essas culturas não podem ser equiparadas às culturas antigas, ou *pré-Homo sapiens*, alcançadas através do período glacial. Todavia, essas culturas representam uma larga gama de adaptações que o próprio *Homo sapiens* realizou em diferentes partes do mundo como caçador e coletor (LEACOCK, 2019, p. 147).

Eleanor lamenta que o modo de vida de muitas dessas sociedades originárias tenha se transformado ou mesmo desaparecido antes

de serem registradas de algum modo, devido à negligência e a arrogância dos colonizadores que chegavam para destruir e transformar esses modos de vida.

Raramente interessava aos colonos, comerciantes e autoridades coloniais entender e registrar as vidas culturais dos povos de cujo trabalho estavam se apropriando e de cujas terras estavam se apoderando. Houve algumas exceções dignas de nota, especialmente entre os missionários que aprenderam as línguas e estudaram as culturas dos povos aborígenes como parte do esforço para convertê-los ao cristianismo (LEACOCK, 2019, p. 335).

Mas Eleanor conseguiu acompanhar muitos estudos e registros de sociedades em épocas diferentes, neles ela pôde perceber os fatores responsáveis pela transmutação das sociedades matrilineares, igualitárias em sociedades patriarcais devido aos violentos processos de colonização e de uma educação imposta à força<sup>3</sup>. A transformação da produção para o consumo de sociedades forrageiras-horticultoras, caçadores-coletores, para uma produção de mercadorias, subtraindo das mãos das mulheres o controle direto de seus produtos, criando novos modelos econômicos que destruíram a coletividade que antes organizavam estas culturas foi o fator

<sup>3</sup> “Le Jeune comentou muitas vezes em seu diário sobre a indulgência que os montagnais demonstravam em relação a seus filhos. ‘Todas as tribos selvagens destas regiões... mostram-se incapazes de castigar uma criança, ou de ver uma criança ser castigada’. Ele acrescentou: ‘Quanta dificuldade isso nos trará para realizar nossos planos de educar os jovens’” (LEACOCK, 2019, p. 267).



principal.

Segundo a autora: “As mulheres começam a perder o controle de sua produção, e a divisão sexual do trabalho relacionada à sua capacidade de procriar torna-se a base de sua opressão como prestadoras de serviços privados em domicílios individuais” (LEACOCK, 2019, p. 203). Quando seu direito à terra foi revogado, impôs-se à mulher a monogamia, a família nuclear e uma moral especificamente feminina de submissão, além da estratificação de classe. Entendia-se que, instaurando a família nuclear, esta passaria a ser a unidade econômica básica da sociedade:

A perda de controle sobre os produtos do trabalho foi decisiva no processo pelo qual as relações igualitárias foram minadas, e virtualmente todas as mulheres, junto com um número crescente de homens, tornaram-se mercadorias – relacionadas não ao ‘uso’ cooperativo [...], mas à troca competitiva (LEACOCK, 2019, p. 260).

Devido aos limites deste trabalho, não podemos elencar todas as transformações ocorridas em todas as sociedades mencionadas na obra de Eleanor Leacock (2019), mas citaremos alguns exemplos relacionados à liberdade sexual feminina, uma vez que, conforme a teoria evolucionista explica, o poder masculino sobre a sexualidade feminina estaria na base mais profunda da origem do patriarcado (SMUTS, 1995).

Com relação ao controle sobre a sexualidade das mulheres, os estudos acerca do comportamento sexual do final do século XIX e início do século XX exibem, de um modo geral, um descarado etnocentrismo e exageros ocasionais. Ainda assim, esses estudos ofereceram exemplos acerca da liberdade sexual desfrutada pelas mulheres, exemplos esses que, com frequência, não mais foram obtidos, ou admitidos, quando, mais tarde, um trabalho de campo sistemático foi realizado por antropólogos profissionais. Mesmo em meados do século XIX, todavia, essas práticas já haviam mudado. Por exemplo, os dormitórios onde as moças iroquesas do século XVII recebiam livremente seus amantes (Richards, 1957: 42-43) não foram registrados ou lembrados quando Lewis Henry Morgan escreveu que mulheres iroquesas podiam ser espancadas por adultério (Morgan, 1954: 1: 322). Àquela altura, a casa longa centrada na mulher, da qual um marido desagradável poderia ser mandado embora por sua esposa, dera lugar a habitações unifamiliares dirigidas formalmente por homens assalariados (LEACOCK, 2019, p. 338).

Outro exemplo desse tipo ocorria entre os *nagas konyak* de Assam, no qual grupos de moças que moram juntas em dormitórios eram livres para iniciar ou cortar relações com grupos de rapazes que as cortejam. Entre os *aborígenes australianos*, melhores representantes das antigas culturas caçadoras, praticavam as chamadas “classes de casamento”, semelhante ao “casamento grupal”, o qual, conforme o julgamento de Morgan, a forma de organização social seguiu “relações sexuais promíscuas” dentro da “horda”. Contestando assim, a visão



comum de que entre os povos caçadores e coletores, o bando é constituído de famílias nucleares. A sociedade havaiana também fornecia evidências acerca do casamento grupal, “[...] uma vez que ela não dispunha de gens, possuía categorias de agrupamento que juntavam todas as pessoas do mesmo sexo e faixa geracional, praticava a poliginia (múltiplas esposas) e a poliandria (múltiplos esposos)” (LEACOCK, 2019, p. 162).

Entre os povos do baixo São Lourenço e do interior do Labrador, o jesuíta Le Jeune teria registrado, dentre outras coisas que lhe causava espanto e reprovação nestes povos, o puro gosto pela vida, “[...] a liberdade sexual das mulheres (o bom jesuíta parecia assumir como um dado natural a liberdade sexual dos homens) e a falta de preocupação quanto à legitimidade dos ‘herdeiros’; as constantes brincadeiras e provocações, muitas vezes intoleravelmente indecorosas” (LEACOCK, 2019, p. 268).

Segundo Eleanor, ao fornecerem inúmeros exemplos de ligações extraconjugais estabelecidas e atos de liberdade sexual informal em muitas culturas igualitárias ou não, Edward Westermarck e Edwin Sidney Hartland comentam que, em muitas dessas culturas, a paternidade social era mais importante do que a paternidade biológica.

Um marido ‘não se detém a inquirir

curiosamente sobre a origem de uma criança que elevará seu status e aumentará sua influência na sociedade’. Casos de relações extraconjugais praticadas por mulheres como uma formalidade social e ritual ou por razão de preferências informais eram ‘comuns o bastante e amplamente difundidas’, para Hartland duvidar de que ‘o padrão masculino relativo ao ciúme pode ser tão fundamental e primitivo como, por vezes, tem sido afirmado’ (LEACOCK, 2019, p. 338).

Registros feitos por Le Jeune, no século XVII, expressa algumas das atitudes paternais dos homens montagnais reprovadas pelo jesuíta. Quando o missionário censurou um índio por permitir à sua esposa gozasse de liberdade sexual impedindo o índio de assegurar a paternidade do seu filho, os montagnais replicaram: “Vocês não têm juízo. Vocês franceses amam apenas seus próprios filhos, mas nós amamos todas as crianças de nossa tribo” (THWAITES, *apud* LEACOCK, 2019, p. 272).

Entre os antigos *wyandot*, um grupo *huroniano*, era responsabilidade exclusiva das mulheres conselheiras a autorização para os casamentos propostos a elas pela mãe de uma moça ou do rapaz. Entre os *cherokees*, o casamento “não era vinculativo para o marido ou para a esposa, e imaginar que uma moça poderia ser obrigada a casar-se ignora o fato de que nenhum parente – nem sua mãe, nem seus tios, nem seus irmãos – exercia a autoridade compulsória sobre ela” (REID *apud* LEACOCK, 2019, p. 284).



Entre os *zuni* o divórcio era comum. A casa, além de pertencer à mulher, permitia que ela recebesse o marido como hóspede. O marido “traz a produção dos campos e ranchos; ao cruzar o limiar, essa produção torna-se propriedade da mulher. Qualquer omissão dessas formalidades por parte da mulher seria interpretada pelo homem como uma indicação de que ela não mais o tinha como seu marido”, ou nesse caso, “a esposa estaria declarando que assumira outro homem e que o marido deveria retornar à sua casa materna” (LEACOCK, 2019, p. 271).

Mais recentemente, em 1929, entre os *igbos* da Nigéria, quando as mulheres perderam o seu *status* na comunidade em decorrência das políticas colonizadoras, elas organizaram um grande protesto que ficou conhecido como *Guerra das Mulheres*. Reivindicando o retorno dos antigos costumes:

Proclamaram que daquele dia em diante o cultivo da mandioca deveria ser circunscrito às mulheres; que as disputas deveriam ser julgadas pelos conselhos da aldeia e não pelos tribunais nativos; que os preços da noiva não deveriam exceder uma determinada quantia a ser paga em moeda local; e que as mulheres casadas poderiam manter relações sexuais com outros homens e não apenas com seus maridos (MEEK, *apud* LEACOCK, 2019, p. 342).

Estes exemplos são de suma importância e nos leva a acreditar que, ao contrário do que defende Bárbara Smuts, o patriarcado não saltou dos primatas não

humanos para os hominídeos. Baseamo-nos no próprio Darwin, quando atribuía às mulheres das sociedades originárias a responsabilidade pela seleção sexual. Toda essa exposição nos faz acreditar que o patriarcado é uma invenção recente na história humana, fruto da violência.

### Conclusão

A partir da biologia evolutiva e das hipóteses elaboradas pela pesquisadora Barbara Smuts, compreendemos que o patriarcado pode ser desconstruído a partir de suas bases, não importando se essas bases estão ou não na origem da evolução humana. Para cada uma de suas hipóteses para o surgimento do patriarcado, Smuts (1995) aponta uma contraestratégia para a sua desconstrução e para que nós mulheres vivamos em uma sociedade mais igualitária e com uma forte proteção institucionalizada da violência masculina e outras formas de dominação.

Para que mudanças efetivas ocorram é imprescindível uma coalização mais forte entre nós as mulheres para operar mudanças na legislação e abrir mais oportunidades econômicas e políticas. São importantes lutas por proteção legal dos nossos corpos, direitos de propriedade e outros bens. Precisamos apoiar também mudanças econômicas e políticas com potencial de reduzir a desigualdade entre os próprios homens e





precisamos identificar e mudar comportamentos nossos que contribuam e justifique a presença do patriarcado, além de ocuparmos mais os espaços disponíveis como mídias, púlpitos, salas de aula e o governo, a fim de obtermos uma igualdade na voz da ideologia feminista.

A partir da teoria transcultural percebemos que, ironicamente, nós mulheres não estamos atualmente lutando para conquistar direitos, mas para resgatar tudo aquilo o que perdemos em um passado recente. Por isso mesmo é difícil empregar ao patriarcado o termo “evolução”. O patriarcado é resultado de muita violência e foi essa violência que o tornou hegemônico. Conhecer as suas raízes é fundamental. O conhecimento torna o mito da imagem da mulher naturalmente servidora do homem e do homem como dominador natural da mulher cada vez mais distante. Percebemos, a partir Leacock (2019), que o primeiro traço comum do patriarcado é a destruição das sociedades primitivas e a imposição da exploração do homem pelo homem.

De acordo com Lessa (2012), é nesse momento histórico que a guerra surge com todo o seu complexo de violência que fará parte da humanidade até os nossos dias. Com a guerra veio a escravidão e a subjugação das mulheres. Como uma atividade predominantemente masculina, com a guerra veio a riqueza que será expropriada dos

trabalhadores e convertida em propriedade privada dos indivíduos masculinos da classe dominante. Coube então, aos homens da classe dominante, as atividades fundamentais para a reprodução dessa sociedade violenta, exploradora e patriarcal.

### Referências

- COHEN; Claudine. Darwin on woman: Darwin et la femme. **Comptes Rendus Biologies**, n. 333, 2010, p. 157–165.
- DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. Curitiba: Hemus, 2008.
- FREITAS, Leandro. A teoria evolutiva de Darwin e o contexto histórico. **Rev. Bioikos**, 12 (1), 1998, p. 55-62.
- LEACOCK, Eleanor Burke. **Mitos da dominação masculina: uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural**. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.
- LESSA, Sergio. **Abaixo a família monogâmica!** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
- MASCIA-LESS, Frances. E.; BLACK, Nancy Johnson. **Gender and Anthropology**. In: \_\_\_\_\_. *The Evolutionary Orientation*. 2 ed. Long Grove: Waveland Press, 2017, p. 21-40.
- SANTOS, Ana Paula dos. Feminismos, interseccionalidades e questões de gênero: enunciações de docentes do curso de biologia. **Dissertação**: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2021, 158f.
- SMUTS, Barbara Boardman. The evolutionary origins of patriarchy. **Human Nature**, v. 6, n. 1, 1995, p. 1-32.